

5 NOV 1989

# O tríplice enigma

JOSÉ NÉUMANNE

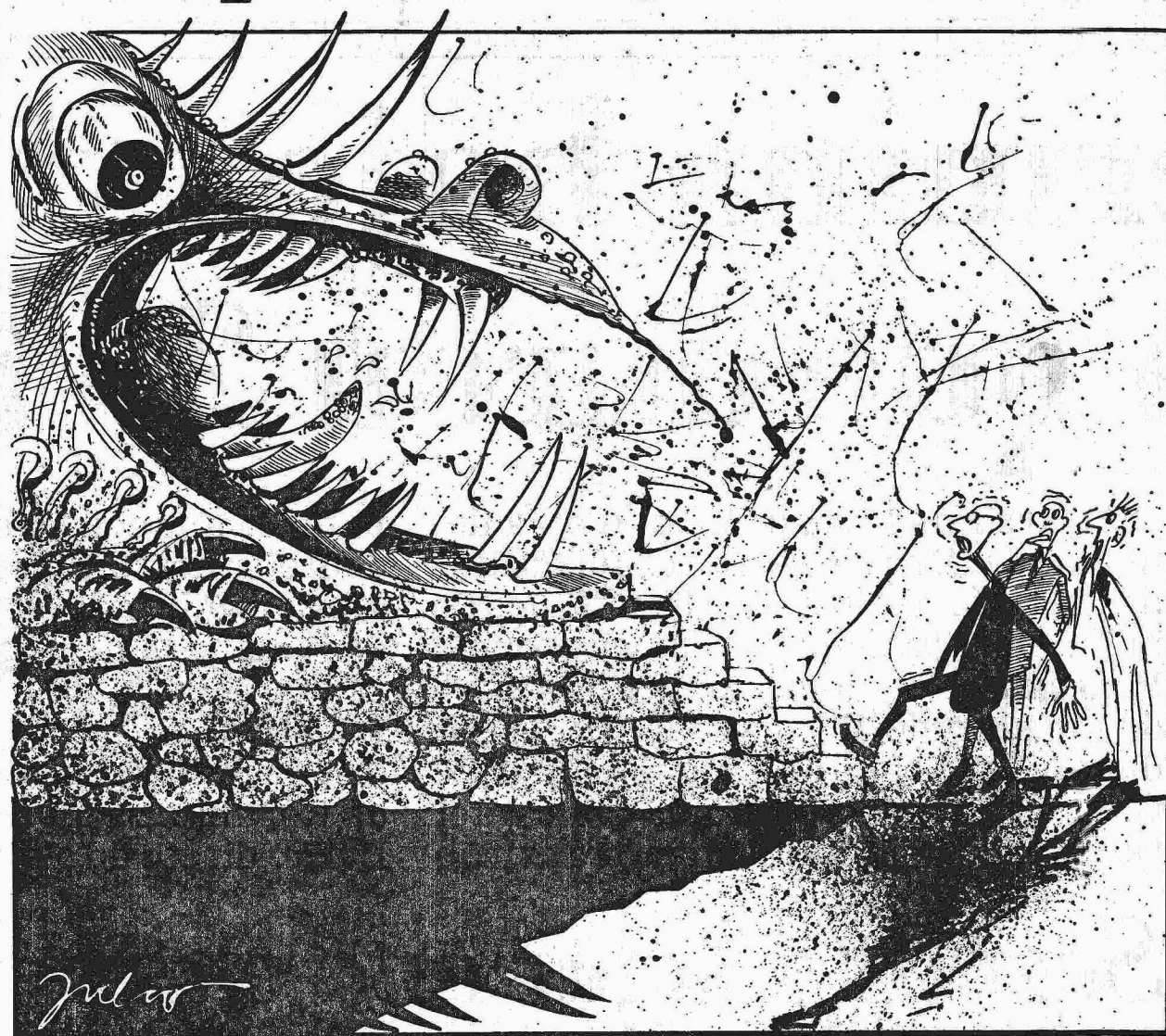


Cada um dos 82 milhões de brasileiros autorizados pela Justiça Eleitoral a escolher o futuro presidente da República, na maior crise da História do País, tem uma missão muito especial, hoje: provar ser

possível viver em liberdade, mesmo numa sociedade tão ampla, pobre e desigual. Esta é uma data histórica justamente por isso, ou seja, não tanto por comemorar o centenário da República com a maior consulta popular nela realizada em todos os tempos, mas principalmente por implantar um regime democrático pleno, com a segunda maior população votante do mundo, num ambiente pobre, de tão marcantes injustiças e tão profundos abismos sociais.

A experiência sociológica dos brasileiros, hoje, não tem rival, nem mesmo na História contemporânea internacional. Tenta-se aqui, sob a linha do Equador, no meio da crônica crise econômica, no momento em fase aguda, e diante da ausência desesperadora de soluções financeiras a curto prazo, estabelecer a convivência pacífica entre dois sistemas antagônicos. De um lado, está o Brasil arcaico, miserável, improdutivo e ineficiente, submetido ao tacão do Estado patrimonialista e cartorial. Do lado oposto, uma sociedade produtiva, próspera e competente, perseguindo, com pertinácia, uma modernidade competitiva, mesmo em relação às mais ricas nações do Primeiro Mundo. Um e outro lado desta mesma moeda chamada Brasil estão sendo convocados para um encontro histórico diante de decisões cruciais para o destino não apenas do País, mas do próprio continente latino-americano, ameaçado pelo atraso e pelo isolamento.

Durante muito tempo, a Ciência Política conviveu com o mito de que somente o intervencionismo autoritário seria capaz de distribuir a justiça, em detrimento da liberdade. Essa perigosa ilusão foi dominante, a ponto de, até hoje, nenhuma sociedade tão grande, tão ampla e tão plural como a brasileira ter ousado experimentar um regime de plena li-



berdade política numa situação de flagrantes desigualdades sociais como a vivida por nós, nas dimensões territoriais e populacionais especialmente avantajadas como são as brasileiras.

***O brasileiro tem a obrigação de escolher o melhor***

Portanto, trata-se de uma missão especial e tripla esta de votar, para escolher o gerente adequado para a crise, promovendo, ao mesmo tempo, o encontro do Brasil moderno com o arcaico em clima de harmonia, e não sob a tensão de um conflito civil e, ainda por cima, instalando a segunda maior democracia do mundo num ambiente tornado socialmente explosivo pe-

lo teor ampliado da injusta divisão de sua riqueza.

Para cumprir essa missão a contento, aos olhos de um mundo que se civiliza, até por ter conseguido cruzar o Muro de Berlim, duas décadas depois de o homem haver pisado na Lua, todo o cidadão brasileiro, em gozo de seus direitos políticos, tem a obrigação de escolher o melhor agente disponível para decifrar o tríplice enigma. Não basta ser brasileiro, maior de 35 anos e ter situação regularizada na Justiça Eleitoral para merecer, hoje, um X no quadradinho impresso na cédula eleitoral antecedendo seu nome. É preciso ser o mais bem equipado para dar as três respostas certas à esfinge secular.

Isso implica ser o mais compe-

tente, e também exercer o poder com a maior dose de tolerância, demonstrando a límpida consciência de que a Nação brasileira dispensa os serviços dos salvadores da Pátria, ungidos de fé mística em sua própria capacidade de taumaturgos improvisados. Para enfrentar o tríplice desafio, o voto adequado é aquele dado conscientemente em alguém empenhado em disseminar o dinamismo do Brasil moderno pelas veias entupidas do Brasil arcaico e comprometido com o empenho de mostrar ser possível, apesar de difícil, instaurar o primado da liberdade no explosivo caldeirão social brasileiro. Não é qualquer um que pode fazer isso, não.

José Nêumanne é editor e editorialista do Estado